



A Organização Anarquista Excertos

Luigi Fabbrì



A Organização Anarquista

Excertos

Luigi Fabbri

Tradução: *José Carlos Morel*



2013

Projeto de capa: *Luis Carioca*

Diagramação: *Farrer*

Seleção: *Felipe Corrêa*

(C) Copyleft - É livre, e inclusive incentivada, a reprodução deste livro, para fins estritamente não comerciais, desde que a fonte seja citada e esta nota incluída.

Faísca Publicações Libertárias

www.editorafaisca.net

faisca@riseup.net

vendasfaisca@riseup.net

Sumário

A Organização Anarquista	4
Individualistas e antiorganizadores	4
Indivíduo e sociedade	5
Egoísmo e altruísmo	6
Organização	6
Organização específica anarquista	7
Propaganda anarquista	9
Sintetismo	9

Individualistas e antiorganizadores

A idéia anarquista tem, como base primeira, a liberdade individual, mas aqueles que pretendem que a liberdade individual na anarquia seja infinita e absoluta, seriam utopistas no sentido mais ridículo do termo, pois o infinito e o absoluto são conceitos abstratos, configurações mentais sem possibilidade de realização prática. Pois bem, é sempre em nome da liberdade individual que numerosos anarquistas, segundo lhes seja conveniente, ou proclamam o direito de fazer seja lá o que for, inclusive atingir a liberdade e o direito do outro, ou declaram incoerente toda a tentativa de realização revolucionária e de organização pela propaganda.(...)

Por outro lado, aqueles que se declaram inimigos da organização, o são geralmente porque sentem-se incapazes da solidariedade libertária e no fundo não sabem sair deste dilema: comandar ou serem comandados. Não possuem a consciência “libertária” e portanto não vêem teoricamente outra garantia para a liberdade individual senão o isolamento, a ausência de qualquer pacto e de qualquer vínculo livremente aceitos.(...)

Isto acontece de fato com muitos anarquistas individualistas de todos os matizes, desde o individualismo stirneriano anti-socialista até o individualista comunista antiorganizador.

Conduzidos pela lógica abstrata, estes camaradas chegam a perder de vista o interesse da propaganda anarquista e revolucionária. Eles isolam-se da sociedade ao ponto de não mais poder exercer sobre ela influência alguma e isso equivale a condenar nossa idéia a permanecer perpetuamente no estágio de utopia. Se, ao pretender para cada ato de propaganda ou de ação revolucionária a coerência absoluta com o princípio abstrato da anarquia ou de sua própria interpretação deste princípio, se (e esta talvez seja a razão mais verossímil) diante da inegável dificuldade de se agir libertariamente, afastarmos toda a forma de ação na qual tal dificuldade seja a mais forte, acabaríamos por fazer muito pouco ou nada - exatamente como Orígenes que, para se manter puro (ou antes porque não possuía forças para assim se manter) decepou seus órgãos sexuais. Toda a ação anarquista assim concebida acaba por se limitar à parte crítica da obra de outrem, à propaganda teórica - muitas vezes caótica e cheia de contradições - e a algum ato isolado de rebelião que, na melhor das hipóteses contém justamente o erro de exigir um esforço muito grande para poder ocorrer e assim exercer alguma influência visível sobre os acontecimentos.(...)

Negando-se a organização, nega-se no fundo a possibilidade de vida social e também da vida em anarquia. Dizer que a negamos somente hoje nada significa, pois negá-la hoje implica em suprimir o meio de prepará-la para o amanhã.(...)

Os não organizados, ou melhor, aqueles que estão organizados sem o saber e que por isso se crêem mais autônomos que os outros, têm maior probabilidade que os organizados, de serem presas do conferencista que passa do camarada mais ativo do grupo mais empreendedor e do jornal mais bem feito. Eles são inconscientemente organizados pelo conferencista, pelo agitador e pelo jornal.(...)

A ausência de organização visível normal e aceite por cada um de seus membros torna possível o estabelecimento de organizações arbitrárias, menos libertárias ainda, que crêem ter vencido todo o perigo do autoritarismo apenas negando a sua essência. Tais organizações inconscientes constituem um perigo maior porque colocam o movimento anarquista à mercê e a serviço dos mais hábeis e dos mais intrigantes.(...)

É conhecido o fato de que os adversários da organização federal, por oposição a nós, declarem-se autonomistas, e denominem autônomos seus grupos; é bom lembrar, de uma vez por todas, que todos somos autonomistas, quer dizer partidários da autonomia individual nos grupos, da autonomia dos grupos na federação e no partido.(...)

Encontra-se outro motivo de incoerência na pretensa facilidade com a qual, nas organizações, os indivíduos mais inteligentes, mais simpáticos, mais ativos ou mesmo mais falsos possam se tornar verdadeiras autoridades sobre a massa, apresentando o perigo de fazê-la desviar-se. Demonstrei acima que este perigo é maior entre os não organizados, e que, ao contrário, a organização serve para combater e não para facilitar tal perigo.

Indivíduo e sociedade

Podemos nos rebelar contra esta má organização da sociedade, mas não contra a sociedade em si, como pretendem alguns individualistas. A sociedade não é um mito, nem uma idéia, nem um órgão pré-ordenado e feito por alguém, para que seja possível não reconhecê-la e tentar destruí-la. Ela nem mesmo é - como nos acusam de pensar os stirnerianos - uma coisa superior aos indivíduos e à qual é necessário fazer o sacrifício do seu eu como diante de um fetiche. A sociedade é simplesmente um fato do qual nós somos os atores naturais e que existe na medida em que lá estamos. A sociedade é o conjunto dos indivíduos vivos e cada indivíduo é, por sua vez, tal qual as influências externas, sem excluir as sociais, o formam.

Tudo isso é um fato natural, ligado à vida universal do cosmos. Rebelar-se contra este fato é rebelar-se contra a vida: morrer. Cada indivíduo existe na medida em que ele é o fruto material, moral e intelectual da união de outros indivíduos; ele somente pode continuar vivo, somente pode ser livre, somente

pode desenvolver-se fisicamente com a condição de viver em sociedade.

Egoísmo e altruísmo

A questão de que o homem é egoísta e que isto basta para negar a associação apóia-se em uma interpretação absurda de um conceito verdadeiro. Sim, todos os homens são egoístas, mas de modo diferente. O homem que tira o pão da boca para alimentar o seu semelhante é um egoísta na medida em que ele interiormente sente, sacrificando-se, uma satisfação maior do que a de comer tudo sozinho, sem nada dar ao outro. Isso acontece igualmente com relação aos outros sacrifícios, mesmo os mais sublimes que a história nos lembra. Mas a satisfação do explorador burguês, que faz com que seus operários morram de fome, ao invés de lhes sacrificar uma única noite de teatro, também é egoísmo.

Um e outro são egoísmo, mas - cáspite! - ninguém negará que são egoísmos distintos um do outro. Tal diferença encontrou sua expressão na linguagem humana, que batizou a forma mais nobre de egoísmo com o nome altruísmo.

Este altruísmo é uma manifestação da solidariedade humana, que responde à necessidade de ajuda mútua - existente entre os homens, assim como em várias outras sociedades animais.

Organização

O princípio da organização em si é um dos postulados principais da doutrina anarquista. (...) Sem a organização a anarquia é tão inconcebível quanto o fogo sem a matéria para fazê-lo.(...)

Nós pensamos que a mais bela e perfeita organização estará destinada a morrer se seus membros, por mais sábios que sejam em teoria, permanecerem inertes. A vantagem das organizações consiste no fato de que, em igualdade de outras condições, é preferível que pessoas decididas à ação estejam organizadas que não organizadas. É natural que um indivíduo isolado atuante valha mais que mil pessoas inaptas e não organizadas.(...)

Organização não significa nem autoridade, nem governo, nem vexação, mas apenas: associação harmoniosa dos elementos do corpo social.

Como queremos que todos os homens, um dia, estejam associados harmonicamente, preconizamos hoje, na luta pela preparação de um tal futuro, a associação harmoniosa dos anarquistas. A organização é um meio para atingir este fim, e um meio mais condizente com as finalidades sociológicas do anarquismo.(...)

A organização, longe de limitar a liberdade individual, a estende e a torna verdadeiramente possível, pois ela oferece ao indivíduo uma soma maior de

forças para vencer obstáculos e para melhorar, forças estas que faltariam a cada indivíduo tomado isoladamente.(...)

A organização não significa - repito - uma diminuição do eu, mas sim a possibilidade para este de atingir, com a ajuda dos outros, o máximo de suas satisfações. Ela não significa a compressão ou a violação do egoísmo natural dos indivíduos, mas sim o seu contentamento, o seu enobrecimento, de modo a provocar no indivíduo um gozo que tenha a necessidade do bem do outro e não do mal.(...)

Se quisermos nos mexer, se quisermos fazer alguma coisa a mais do que aquilo que o isolamento permite a cada um de nos deveremos saber com quais dos ditos camaradas, podemos estar de acordo e com quais estamos em desacordo. Isto é especialmente necessário quando falamos de ação, de movimento, de métodos com os quais é preciso trabalhar com muitas mãos para conseguirmos obter alguns resultados que caminhem em nossa direção.(...)

A organização consciente é útil porque ela é o melhor meio - quando real e substancial e não apenas formal - para impedir um indivíduo ou um grupo de concentrar em si todo o trabalho de propaganda e de agitação, tornando-se assim um árbitro do movimento.(...)

Autonomia e organização estão longe de ser termos contraditórios: ao contrário, exprimem com precisão o conceito que os anarquistas tem do indivíduo e da sociedade. "Autonomia e federação são as duas grandes fórmulas do futuro - diz nosso amigo Charles Malato - a partir de hoje, é nesta direção que se orientarão os movimentos sociais." Esta é também nossa idéia, pois pensamos que a organização encontra na forma federativa a melhor forma de se desenvolver em um sentido verdadeiramente anarquista.

Organização específica anarquista

Temos que adotar a organização dos próprios anarquistas, que deve esforçar-se por ser a mais libertária possível.(...)

Eis porque é preciso unir-se e organizar-se: primeiro para discutir, depois para reunir os meios para a revolução, e finalmente para formar um todo orgânico que, armado com seus meios e fortalecido por sua união possa, quando soar o momento histórico, varrer do mundo todas as aberrações e todas as tiranias da religião, do capital e do Estado. (...)

A organização que os socialistas anarquistas defendem não é naturalmente a organização autoritária que vai da Igreja católica à Igreja marxista, mas sim a organização libertária, voluntária, de numerosas unidades individuais, associadas com vistas a uma meta comum e que empregam um ou vários métodos conside-

rados bons e livremente aceitos por cada um dos membros. Uma tal organização é impossível, se os indivíduos que a compõem não estão habituados à liberdade e não estejam desembaraçados de preconceitos autoritários. É necessário, por outro lado, estar organizados, para se tentar viver livremente associados..., isso para se habituar ao uso da liberdade.

Assim, a necessidade de organização permanece. Por organização, entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos entre si, sobre a base de idéias comuns e de um trabalho prático comum a realizar. Tal organização, deixará naturalmente a autonomia dos indivíduos nos grupos e dos grupos na federação, com plena liberdade dos grupos e federações para se formarem segundo as oportunidades e circunstâncias, por ofício, por bairro, por província ou por região, por nacionalidade ou por língua, etc.(...)

A organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de idéias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que se pode dispor.(...)

Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união preestabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puserem-se de acordo em torno de um programa de idéias e métodos.(...)

A organização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; ela deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. Podemos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em todas as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar nossa atividade e ação: por exemplo, nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos agrupamentos anti-religiosos e anti-clericais, etc. Nossa organização especial pode servir igualmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como um campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre nós. Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas incoerências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, outros que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.(...)

Todas as dificuldades residem no fundo nas denominações; a uns não agrada o termo "partido", a outros o de "organização".(...)

Para que exista coerência entre teoria e prática, é preciso antes de mais nada que seja definido o programa teórico, nos limites do qual a prática se apóie para não contradizê-lo. E o nosso programa já foi muitas vezes dito e redito para que

nós aqui não nos estendamos muito para falar dele.

Propaganda anarquista

Em nossa opinião, a propaganda da organização deve ser feita ininterruptamente, bem como a propaganda de todos os outros postulados do ideal anarquista. (...)

A melhor propaganda é a que se faz pelo exemplo - a propaganda pelo fato - nós buscamos nos organizar, constituir grupos, federar-nos.(...)

A propaganda pela organização dos anarquistas se imporá pela necessidade das coisas; e será mérito desta propaganda se a organização surgida for a nossa e não uma mercadoria avariada que nos seria legada por nossos adversários.(...)

Tanto a propaganda teórica quanto a propaganda pelo fato (não nego a utilidade desta última) podem ser úteis, mas tal propaganda, de forma unicamente individual não basta. Para que a propaganda teórica seja mais eficaz é preciso que ela esteja coordenada; para que o fato seja mais útil, é preciso que ele seja meditado e razoável.(...)

Devemos nos ocupar, antes de mais nada, em formar esta consciência no proletariado e o meio mais eficaz para tanto continua sendo a propaganda, isto é, o exercício contínuo da luta contra o capital e o Estado.(...)

A propaganda determinada pelos anarquistas organizadores é também uma forma de manifestação para preparar a sociedade futura: trata-se de uma colaboração com a finalidade de constituir um jeito de influenciar o meio ambiente e de modificar as suas condições. Outros também trabalham de acordo com a mesma obra. Nós queremos trabalhar da maneira que acreditamos seja a mais eficaz, escolhemos assim certas formas de luta que estão mais conforme à nossa maneira de ver e até mesmo ao nosso temperamento, se assim se quiser.

Sintetismo

Nós nos resignamos a ser vítimas de todos os loucos, de todos os extravagantes, de todos os exagerados que, com o pretexto da lógica, pretenderam não apenas justificar tudo aquilo que eles consideravam inconveniente e ignóbil nos burgueses, mas também impedir e demolir todo o trabalho de reconstrução que outros camaradas tentaram, lançando permanentemente o espectro da incoerência com as idéias.(...)

Digo isto para responder aos meus bons amigos, favoráveis a um acordo a qualquer preço, que afirmam: "Não criemos problemas de método! A idéia é uma só e a meta é a mesma; permaneçamos pois unidos sem nos rasgarmos por

um pequeno desacordo sobre a tática". Eu, ao contrário, dei-me conta há muito tempo atrás, que nos dilaceramos justamente porque estamos muito próximos, por que estamos artificialmente próximos. Sob o verniz aparente da comunidade de três ou quatro idéias - abolição do Estado, abolição da propriedade privada, revolução, antiparlamentarismo - existe uma diferença enorme na concepção de cada uma destas afirmações teóricas. A diferença é de tal monta que nos impede de tomarmos o mesmo caminho sem querelarmos e sem neutralizar reciprocamente o nosso trabalho ou, se assim quisermos, permanecer em paz sem renunciarmos àquilo que acreditamos ser verdadeiro. Repito: não existe apenas uma diferença de método, mas sim uma grande diferença de idéias.(...)

Existem tantas pessoas que se dizem anarquistas no mundo, batiza-se de anarquia tantas idéias nos dias de hoje, tantas opiniões e táticas diferentes, que impõe-se a quem luta alguma escolha para saber quem são aqueles que possuem aspirações comuns às suas, pois alguns, embora dizendo-se anarquistas, têm idéias totalmente opostas. Se alguns seguem uma via totalmente contrária à nossa e utilizam meios de luta que são contraditórios, neutralizantes e destrutores dos efeitos que obtivemos, tais diversidades e contradições dependem dos significados e de interpretações diferentes, muitas vezes completamente opostas, que são dadas ao termo anarquia .(...)

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com idéias e métodos que não são os nossos e, conseqüentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.(...)

Organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendamos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas idéias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.(...)

Se existem correntes incapazes de permanecer unidas por causa do temperamento, é melhor que cada um tome o seu caminho e que elas se diferenciem.

Roma, 15 de Junho de 1907

